GP-37458

REPÚBLICA PORTUGUESA

CULTURA

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

CS _1661525____

Assunto: Proposta de eventual classificação do Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, sito em Coimbra, no Largo da Cruz de Celas, Freguesia de Santo António dos Olivais, concelho e distrito de Coimbra.

Requerente:

N.º Procº 23/06-03-18(II) **Data** 28.03.2023 **Inf. nº** 719 - DRCC/2023

Servidão Administrativa:

A DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Ao abrigo do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 9.1.2025

João Soalheiro
Presidente
Património Cultural, I.P.

A DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

Assinado por: **SUZANA MARIA PERES DE MENEZES**
Num. de Identificação: 09878025
Data: 2023.04.10 09:03:00+01'00'

Concordo.

CARTÃO DE CIDADÃO

A DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE BENS CULTURAIS

Assinado por: **CÁTIA MARISA GONÇALVES MARQUES**
Data: 2023.03.29 22:28:10+01'00'

Concordo.
À Consideração Superior.

CARTÃO DE CIDADÃO

Tendo em consideração a proposta de eventual classificação do Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, sito em Coimbra, no Largo da Cruz de Celas, Freguesia de Santo António dos Olivais, concelho e distrito de Coimbra, informa-se V. Exª. que:

N.º Procº. 23/06-03-18(II) **Parecer/ Inf. n.º** 719 - DRCC/2023

1 – Por email de 17.01.2023, os representantes da Associação Vasco Berardo solicitaram apoio no sentido da salvaguarda do Painel de azulejos do antigo Café-Restaurante Mandarim, obra do artista Vasco Berardo, visto que tinham tido conhecimento de que este espaço, entretanto transformado no franchising McDonald's, e, posteriormente, num outro estabelecimento similar, se encontrava novamente fechado. Receavam que, no decorrer de novas intervenções no sentido da sua reabertura, a preservação desta obra de arte não fosse tida em consideração.

2 – Por contato telefónico de 23.01.2023, com um dos representantes da referida associação, o Senhor Nuno Berardo, filho de Vasco Berardo, foi agendada uma reunião técnica realizada em 01.02.2023, em que esteve também presente a Senhora Diretora de Serviços de Bens Culturais, Arq.ª Cátia Marques.

3 – Nesta reunião foram mencionadas outros murais cerâmicos executados pelo artista Vasco Berardo, nomeadamente o Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, sito também em Coimbra, no Largo da Cruz de Celas. Este painel, efetuado em 1991, foi alvo de uma intervenção de conservação e restauro em 2022, cuja iniciativa foi da Associação Vasco Berardo e que teve apoio financeiro da Câmara Municipal de Coimbra[1].

4 – Este painel descreve minuciosamente a vida e as diversas atividades das monjas do Mosteiro de Santa Maria de Celas, cenóbio localizado muito próximo do Largo da Cruz de Celas, e que teve um peso muito particular na nomenclatura urbana desta zona na cidade.

[1] Conforme informações referidas aquando da reunião e constantes do requerimento inicial do procedimento de classificação de bens imóveis, e respetivos anexos, entregues pelo representante da Associação Vasco Berardo.

5 - Em nova reunião realizada em 24.02.2023, apenas com a técnica signatária, o requerente apresentou o requerimento inicial de procedimento de classificação de bens imóveis, devidamente preenchido e suportado por elementos bibliográficos e fotográficos.

6 – No sentido de obter registos fotográficos atualizados, foi efetuada uma deslocação técnica ao local em 08.03.2023, tendo sido executados registos fotográficos do painel e da área envolvente em que se insere o edifício em cujo muro frontal este se localiza.

7 – No que concerne ao desenvolvimento urbano da cidade de Coimbra e especificamente à área de inserção do Edifício Cruzeiro e respetivo painel de azulejos, no Largo da Cruz de Celas, refira-se que:

7.1 - Em meados do século XIX, mantinha-se ainda na cidade de Coimbra a dualidade presente quase desde a época medieval, concretamente das zonas designada por *Alta*, onde se localizava a Universidade, e por *Baixa*, relacionada com o comércio e os artífices[2].

7.2 - Contudo, factos como a abertura da Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, em 1856, a inauguração do caminho de ferro, em 1864, a urbanização da Quinta de Santa Cruz, a partir de 1867, data da inauguração do Mercado D. Pedro V, com as sequentes transformações de toda a área do fundo do vale (como o funcionamento dos primeiros transportes coletivos, os carros americanos, na cidade, em 1885, depois substituídos, em 1911, pelos transportes de tração elétrica), e ainda como o aumento de população face às novas condições de

[2] Sobre a evolução do espaço urbano em Coimbra e Santa Clara, ver: ANACLETO, Regina, "Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica", in Actas de *Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176; BORGES, Nelson Correia, *Coimbra e Região*, Novos Guias de Portugal, 6, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987, páginas 35 a

vida, quer de mobilidade, quer económicas, vão fazer com que a cidade rompa os seus limites.

7.3 - A partir de 1889, inicia-se o loteamento do Vale da Ribela, e abrem-se os arruamentos da futura Avenida Sá da Bandeira, prosseguindo com a então Praça de D. Luís, hoje Praça da República, e rasgando-se as ruas que desta saem, como a Alexandre Herculano, da Escola Industrial (depois, Oliveira Matos), de Castro Matoso, de Tomar e de Almeida Garrett. Em 1890, é apresentada em sessão de câmara a planta de um novo arruamento, a Rua Lourenço de Almeida Azevedo, que começou a ser aberta em 1891 e pavimentada em 1904, paralela ao Parque de Santa Cruz, a que se segue a Rua Augusto Rocha que desemboca no Largo da Cruz de Celas (designação relacionada com o cruzeiro aqui situado e com o facto do burgo de Celas, até ao final do século XIX, um povoado dos arrabaldes de Coimbra, ter sido gerado em torno do Mosteiro de Santa Maria de Celas[3]).

7.4 - É nestas novas artérias citadinas, que, nos finais do século XIX e nos primeiros anos do XX, se irão construir moradias elegantes para uma nova classe emergente, pequeno-burguesa e capitalista, muitas destas seguindo os revivalismos de época[4]. É também bem próximo desta zona que vai surgir o novo Bairro das Sete Fontes ou de Celas (designação genérica relacionada com o facto de nesta zona se localizar o antigo Mosteiro de Santa Maria de Celas), com

42 e 70 a 76; DIAS, Pedro, *Coimbra, Arte e História*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2ª. Ed., Coimbra, 1988, páginas 7 a 15.

[3] O referido cruzeiro data de 1623, mas está em grande parte reconstituído (Cfr. BORGES, Nelson Correia, Coimbra e Região, Novos Guias de Portugal, 6, Editorial Presença, Lisboa,1987, páginas 118 a 120).

[4] ANACLETO, Regina, "Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica", in Actas de *Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176; ANACLETO, Regina, "Arquitectura Revivalista em Coimbra", em Revista *Mundo da Arte*, nº. 8, Coimbra, 1982.

habitação de caráter social, no intuito de realojar os habitantes da Alta[5], após a macabra destruição efetuada na Alta de Coimbra nos anos 40 do século XX.

7.5 - Por sua vez, junto ao rio, é alargado o Largo da Portagem e a avenida em direção à nova estação de caminho de ferro, designada por Estação Nova. Na atual Avenida Emídio Navarro e no Largo da Portagem, começam a surgir edifícios como o Hotel Astória ou o edifício do Banco de Portugal, bem como ainda muitas construções de caráter residencial – arquitetura doméstica, do início do século XX, algumas igualmente construídas dentro do revivalismo que surge paralelamente, como dissemos, noutras zonas da cidade.

7.6 - A dualidade oitocentista começa definitivamente a esbater-se, visto que o processo que presidiu à utilização da Quinta da Ribela para a dilatação do espaço urbano alterou a estrutura citadina e permitiu uma nova articulação espacial. A urbanização crescente estende-se à Cumeada, com a definição da Avenida Dias da Silva, e bairros limítrofes, sendo traçadas novas ruas para a vertente da Quinta da Rainha, Lóios e Cidral, bem como para a zona de Montes Claros e do Calhabé, pela regularização da Alameda Júlio Henriques e da Rua dos Combatentes da Grande Guerra. Também nestas novas zonas vão surgir construções onde é comum ainda a utilização de preceitos relacionados com a Arte-Nova e/ou da *Art Déco*, a par com a presença de edifícios modernistas, de edifícios revivalistas[6], ou ainda projetados dentro dos conceitos do que foi designado por "Casa Portuguesa", e com o arquiteto Raúl Lino[7]. Como

[5] BORGES, Nelson Correia, Coimbra e Região, Novos Guias de Portugal, 6, Editorial Presença, Lisboa, 1987, página 120.

[6] ANACLETO, Regina, "Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica", in Actas de *Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176; ANACLETO, Regina, "Arquitectura Revivalista em Coimbra", em Revista *Mundo da Arte*, nº. 8, Coimbra, 1982.

[7] CRAVEIRO, Lurdes, "Raúl Lino em Coimbra", em Revista *Mundo da Arte*, nº. 15, Coimbra, 1983; ANACLETO, Regina, "Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica", in Actas de *Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em*

especificidade da cidade de Coimbra, surgem ainda construções dentro do que foi definido por *Arquitetura da Escola Livre*, relacionada com a importância da Escola Livre das Artes do Desenho na cidade, que alterou radicalmente o panorama artístico da cidade de Coimbra, como berço de artistas e de artífices[8].

7.7 - Inicia-se finalmente ainda a construção de novos equipamentos, onde se integram escolas como o antigo Liceu Nacional Júlio Henriques, atual Escola Secundária José Falcão, da década de 30 do século XX, na Avenida Afonso Henriques, cujo jardim fronteiro desemboca na Rua Augusto Rocha, perto do Largo da Cruz de Celas, e surgem também novos bairros residenciais, como o Bairro das Sete Fontes ou de Celas, conforme referido, e o Bairro da Cumeada, na década de 40 do mesmo século. Já nos finais dos anos 50/início dos 60, surgem obras dentro da arquitetura modernista como o conjunto de edifícios da Associação Académica de Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente e Cantinas, a par com a requalificação do espaço urbano e respetivo edificado, de zonas como a Avenida Sá da Bandeira, a Praça da República e as novas artérias que daqui se estendem.

8 – Relativamente à área onde se localiza o Edifício Cruzeiro e respetivo muro frontal e painel de azulejos, o Largo da Cruz de Celas, refira-se que:

8.1 – Trata-se de uma zona hoje central da cidade de Coimbra, de caraterísticas muitíssimo mais recentes que as designadas por Alta de Coimbra e Baixa de Coimbra, como vimos.

8.2 - O peso da pré-existência do Mosteiro de Santa Maria de Celas marcou a toponímia desta área, gerada, como já referimos, em torno do mosteiro, sendo

Coimbra, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176.

[8] ANACLETO, Regina, "Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica", in Actas de *Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício Chiado em Coimbra*, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010, páginas 151 – 176.

na altura um povoado dos arrabaldes da cidade, cujo desenvolvimento e ligação à cidade de Coimbra surge apenas a partir do século XIX.

8.3 – Todavia, o grande desenvolvimento desta zona esteve relacionado com a construção do novo Hospital da Universidade de Coimbra, já nos finais do século XX. Refira-se ainda que, mesmo ao lado do antigo mosteiro, já existia o antigo Hospital Pediátrico de Coimbra, entretanto retirado do local para as novas instalações.

8.4 – O Mosteiro de Santa Maria de Celas, do qual se realça o invulgar interesse artístico e arquitetónico, foi fundado por volta de 1215 por D. Sancha, filha do rei D. Sancho I, no então designado por sítio de Vimarães. Trouxe consigo algumas das religiosas do Mosteiro de Santa Maria do Lorvão, bem como algumas outras que viviam em Alenquer, e a nova fundação, de Celas de Vimarães, foi filiada na Ordem de Cister. Ao longo dos séculos foi alvo de grandes reformas e reconstruções pelas sucessivas abadessas, realçando-se as ocorridas no século XVI. Após a extinção das ordens religiosas, o encerramento deste cenóbio deu-se em 1883, aquando da morte da última monja. Este antigo mosteiro tornou-se conhecido também pelos seus doces, dos quais o mais afamado é o manjar branco.

8.5 – Este imóvel encontra-se classificado como monumento nacional (MN) por Decreto de 16.06.1910, e possui uma zona especial de proteção (ZEP) fixada por Portaria nº 223/2011, publicada em Diário da República, 2ª série, nº 11 de 17.01.2011.

8.6 – Não obstante a proximidade do Mosteiro de Santa Maria de Celas, nem o Largo da Cruz de Celas, nem o Edifício Cruzeiro, se encontram abrangidos pela referida ZEP.

8.7 – Ou seja, trata-se de uma zona sem qualquer tipo de servidão administrativa em termos de património cultural. Todavia, de acordo com o nº 3 do artigo 16º da Lei nº 107/2001, de 8 de setembro, a aplicação de medidas cautelares

previstas na lei não depende de prévia classificação ou inventariação de um bem cultural.

8.8 – De todo o modo, em qualquer circunstância a salvaguarda e a preservação deste painel, obra de arte com significado, deverá ser tida em consideração. No entanto, não obstante esta prerrogativa legal, considera-se que a situação deveria ser acautelada de outra forma, nomeadamente com uma eventual classificação do próprio painel, evitando uma possível descaraterização ou destruição futura[9].

9 – No que concerne à caraterização histórica-cultural e artística do Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, refira-se que:

9.1 – Este painel de azulejos foi executado em 1991, por encomenda da empresa Construções Ramos de Carvalho, construtora do Edifício Cruzeiro. Encontra-se datado e assinado[10].

9.2 – Tratou-se de uma encomenda específica para o local, de grandes dimensões, com 40,80 metros quadrados, que descreve a vida e as atividades desenvolvidas pelas monjas de Celas[11]. Em termos funcionais, terá sido encomendado para embelezar a fachada do edifício e, de alguma forma, estabelecer uma ligação com a área em que este foi inserido.

9.3 – Vasco Berardo realizara em 1956 o seu primeiro mural cerâmico, de influência neo-realista, "Os Carregadores", para os Estados Unidos da América, e entre

[9] Neste momento, e face à intervenção de conservação recente, este painel azulejar encontra-se em bom estado de conservação. Por outro lado, as edilidades têm também tido sempre a preocupação de evitar a descaraterização ou destruição do painel, aliás, a intervenção foi apoiada financeiramente pela Câmara Municipal de Coimbra. Todavia, não podemos evitar que futuramente ocorra alguma situação (de intervenção no imóvel com implicações no painel, ou de vandalismo, por exemplo), que venha a interferir com a preservação do mesmo.
[10] Conforme informações disponibilizadas e registos fotográficos em anexo.
[11] Conforme informações disponibilizadas (Anexos ao requerimento) pela Associação Vasco Berardo.

1959 e 1960[12], com 25 anos de idade, executa o seu segundo mural cerâmico para o Café-Restaurante Mandarim, em Coimbra, também uma encomenda específica para o local, de grandes dimensões.

9.4 - Enquanto que a obra efetuada para o Café-Restaurante Mandarim, de certa forma espelha a aprendizagem artística, a capacidade técnica e o percurso artístico dos anos iniciais da obra de Vasco Berardo, esta, executada cerca de 30 anos depois, numa fase de plena maturidade, revela uma linha condutora da pintura deste artista, a partir de certo momento da sua carreira.

9.5 – Da mesma forma que as obras iniciais, retrata uma época da evolução da pintura em Portugal, mas também da própria evolução de Vasco Berardo como artista, sendo uma obra "construída" no traço figurativo pelo qual optou em dado momento da vida.

9.6 - Por outro lado, sendo uma encomenda com um propósito específico, o de beneficiar a frontaria do imóvel, mas de forma a relacioná-lo com a área em que se insere, a temática escolhida foi plenamente adequada, e conseguiu captar a importância do antigo mosteiro e das suas monjas, quer no passado, quer aos olhos da cidade que se foi gerando à sua volta, mesmo depois de desativado.

10 - No que concerne à caraterização artística do Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, refira-se que:

10.1 – Desde meados do século XX que em Portugal era notória a ânsia de originalidade por parte dos então designados por "independentes", aqueles que se diferenciavam no panorama artístico nacional. A ação dos modernistas, num ambiente cultural dominado pelo gosto naturalista, de remota proposta romântica, estava em sincronia com as vanguardas internacionais[13].

[12] Conforme informações constantes do requerimento inicial do procedimento de classificação de bens imóveis e anexos, entregues pelo representante da Associação Vasco Berardo.
[13] *História da Arte em Portugal*, "Pioneiros da Modernidade", vol.12, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

10.2 - Por volta de 1940/45, é nítido um declínio das vanguardas e uma vontade de rutura com o impressionismo, o futurismo, o cubismo, o abstracionismo, o purismo, o expressionismo, o surrealismo, o neo-realismo, e por aí adiante, mas entretanto, o novo empenho expressivo conjuga-se a partir de então com uma nova lucidez crítica que permitiu olhar para trás e recuperar as esquecidas[14].

10.3 – Nos anos 60 do século XX[15], os mais decisivos da arte portuguesa depois dos anos 10 no início do século, renova-se a multiplicação das possibilidades artísticas, com grande abertura formal e temática e diferentes tendências. O fator migratório foi um estímulo essencial de mudança da prática e do (auto)conhecimento da arte portuguesa. Surge uma forma diversa de apresentação das imagens, segundo um novo conceito de figura-objeto, com a instauração definitiva da indiferenciação nas linguagens, o recurso a temáticas de um quotidiano subjetivizado, a sua organização em espaços cenográficos, a construção de um tempo narrativo, que vai provocar ruturas críticas e de gosto e levar ao neofigurativismo[16].

10.4 – No que concerne à azulejaria, só a partir dos anos 40 e 50 do século XX, é que a linguagem contemporânea entrará na azulejaria portuguesa (nos anos 40, com Jorge Barradas, Almada Negreiros e Vieira da Silva), assistindo-se nos anos seguintes à renovação da linguagem ornamental e figurativa da azulejaria[17].

10.5 – Neste painel azulejar, obra realizada por encomenda da empresa Construções Ramos de Carvalho, construtora do edifício, surge uma representação de uma temática muito apropriada à zona em que se insere, como já referimos, arreigada nas mentalidades daqueles que viram crescer e desenvolver brutalmente o que foi outrora o antigo burgo de Celas. É executado na continuidade da linha criativa presente na pintura de Vasco Berardo a partir

[14] Idem, ibidem.
[15] *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira, vol. III, ed. Círculo de Leitores, 1985, página 602.
[16] Paula Rego, Joaquim Rodrigo.
[17] *História da Arte Portuguesa*, ..., página 407.

de certa altura, em que a construção dos volumes do corpo se associa à presença do grafismo figurativo.

11 – Relativamente à vida e obra do artista Vasco Berardo[18], refira-se, sucintamente, que:

11.1 – Vasco do Vale Berardo de Andrade nasceu a 5 de novembro de 1933, em Coimbra, na Rua Bernardo de Albuquerque, cidade onde veio a falecer a 1 de julho de 2017. Feita a instrução primária na escola de Celas, com apenas 12 anos de idade vai frequentar o atelier do Mestre José Contente (1907-1957)[19], com quem tem aulas particulares, onde começa a aperfeiçoar as técnicas de desenho e gravura. Inicia entretanto o curso de cerâmica no Centro Escolar nº 1 da Alta de Coimbra, que virá a ser a Escola de Desenho Industrial e Comercial de Avelar Brotero, "onde, desde logo, se salienta a sua real potencialidade de artista". Em 1946 ganha o 1º prémio de desenho no Salão Provincial de Educação Estética, e, nesse mesmo ano, começa a trabalhar na Estatuária Artística de Coimbra. Em 1948 vai trabalhar para uma fábrica, a Cerâmica de Souselas, onde irá permanecer até aos 16 anos, no sentido de se poder dedicar mais intensamente à cerâmica artística e de conhecer as técnicas utilizadas.

11.2 – Segundo as informações disponibilizadas, terão contribuído para o seu enriquecimento profissional os mestres Manuel Pereira, oleiro, António Vitorino, aguarelista, e o arquiteto Fernandes.

[18] Conforme informações constantes dos anexos do requerimento entregue.

[19] Pintor conimbricense, cuja obra, desde o desenho à gravura, espelha o período formativo como bolseiro, em Paris (1938-1940), na Académie Collarossi, salientando-se a influência neo-realista, a vivência e a atividade em Coimbra, e ainda a época de maturidade, quando foi residir para Torrozelo (Seia). Em Coimbra, fez parte da Escola Livre das Artes do Desenho, fundada pelo Mestre António Augusto Gonçalves e situada na Torre de Almedina, e, a seguir a Fausto Gonçalves, era o artista mais bem pago da cidade, a par do aguarelista António Vitorino (Cfr. SILVA, Mário Justino da, "Fausto Gonçalves (1893-1947) – Aspectos da vida e obra", in Revista *Munda*, nº 18, GAAC, Coimbra, novembro de 1989, página 4 e página 12).

11.3 – Juntamente com outros jovens artistas, vai fundar o grupo denominado "Os Novos de Coimbra", com os quais participará em várias exposições coletivas entre 1951 e 1956. Após cumprir serviço militar em 1954, vai trabalhar no atelier do seu irmão José Berardo, realizando trabalhos de cerâmica, e colaborar na ilustração de poesia, bem como na capa de livros para a revista *Vértice*.

11.4 – Em 1956 realiza o seu primeiro mural cerâmico, de influência neo-realista, "Os Carregadores", para os Estados Unidos da América, e em 1959, executa o painel de azulejos para decorar o então Café-Restaurante Mandarim.

11.5 – A sua vida profissional prossegue ao sabor das encomendas, faz, por exemplo, decoração de pavilhões industriais e estabelecimentos comerciais, mas também seguindo a sua própria vontade como artista. Em 1961 abre a fábrica "Faianças Berardos", em Taveiro, com o seu irmão Alberto Berardo, onde executa o seu primeiro trabalho em baixo-relevo para a residência do jornalista Rocha Pato.

11.6 – Colabora com o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, começa a expor em diversas exposições individuais e coletivas, instala-se numa quinta próxima de Águeda onde inicia uma série de experiências em madeira e metal martelado, que lhe valeram encomendas para a capela do Colégio de S. Teotónio em Coimbra, em 1969 faz uma digressão ao Canadá, atraído pela forma e pela cor da arte esquimó, onde faz a decoração do Fundo de Fomento Português em Montreal, e daqui segue para os Estados Unidos, Angola e Moçambique.

11.7 – Regressado a Portugal, em 1971 executa o seu primeiro trabalho de medalhística, arte onde virá a ter especial distinção, sendo convidado para trabalhar com o Gabinete Português de Medalhística de Lisboa, e, em 1973, pela Galeria Pisanello. Nesta mesma data, faz a medalha do 600º Aniversário da Aliança Anglo-Portuguesa pela qual recebe um louvor na Câmara dos Lordes, e, ainda nesse ano, efetua o mural cerâmico do Restaurante Tricana em Coimbra.

11.8 - No ano seguinte, abre a Galeria Égide e um atelier, espaços que encerrará no final desse mesmo ano devido aos tumultos que se seguiram ao 25 de abril de 1974.

11.9 – Voltando à medalhística, em 1975 ganha o 1º Prémio Internacional da Medalha na Polónia, com a medalha "Os Direitos do Homem", participando em certames internacionais, em 1978 inicia a sua colaboração com a Medalharte de Coimbra e a Galeria da Arte da Medalha no Porto, em 1982, é editado um álbum de 12 gravuras com a sua criação feita para medalha, editado pela Livraria Almedina, "Os Cavaleiros do Apocalipse", no ano seguinte, o Gabinete Português de Medalhística solicita-lhe uma coleção de 15 medalhas com os principais monumentos de Lisboa, Porto e Coimbra, a que se seguem 5 medalhas sobre os Mosteiros de Portugal, 15 medalhas sobre Mitologia (não editadas), em 1984/85, 20 medalhas sobre Castelos Portugueses, em 1987 a coleção de 10 medalhas "As Sés Portuguesas", na altura em que se celebravam os 900 anos da Sé de Braga, e de 4 medalhas sobre os "Quiosques Portugueses" de Lisboa, em 1990 executa a medalha dos 700 anos da Universidade de Coimbra, em 1994 várias medalhas das quais se destaca a do Curso Jurídico de 1954, em 1996, a medalha dos 70 anos da Ordem dos Advogados, pela qual recebeu um Louvor, e 12 medalhas sobre os Signos Ocidentais, em 1999/2000, 10 medalhas para o Gabinete Português de Medalhística sobre os 500 anos dos Descobrimentos do Brasil, ainda em 1999, a medalha comemorativa dos 500 anos da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

11.10 – Paralelamente mantém intensa atividade, quer a nível da cerâmica, quer da pintura, passando também pela tapeçaria e pela escultura. Em 1985 executa o mural para o edifício "Fernão de Magalhães" em Coimbra, em 1990, um outro para o Centro Hospitalar de Coimbra (Hospital dos Covões), um mural de 27 metros quadrados para o Palácio da Justiça de Montemor-o-Velho, e, já em 1991, um mural de 28 metros quadrados para o Centro Cultural D. Dinis, por

encomenda dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, e um outro para o painel fronteiro do edifício Cruzeiro no Largo de Celas, em Coimbra, por encomenda da firma construtora do imóvel, Construções Ramos de Carvalho, com a área de 40,80 metros quadrados, sobre as religiosas do Mosteiro de Celas. Em 1993 executa um mural com 58,5 metros quadrados com temática regional por encomenda da Santa Casa da Misericórdia de Arganil, em 1994, o mural do átrio da entrada da Unidade de Queimados dos Hospitais da Universidade de Coimbra, com 6, 7 metros quadrados, em 1995, telas de grandes dimensões para a Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto, e em 1996, murais de azulejos também para esta escola, neste mesmo ano um mural para o pórtico da Igreja dos Franciscanos na Avenida Dias da Silva, em 1997, um outro para o Centro de Dia do Barco na Covilhã, ano em que a Câmara Municipal de Castanheira de Pera também lhe encomenda um mural em azulejo e um grupo escultórico em mármore, em 1999, executa 12 painéis em azulejo com os temas "O Pão", "O Azeite" e "O Vinho" para uma das cantinas universitárias encomendados pelos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, e dois murais em azulejo para a Igreja de São José de Coimbra, Pelo meio, são sucessivas as encomendas de cartazes evocativos, como o das Festas da Rainha Santa ou o dos 700 anos da Universidade de Coimbra, telas, como a adquirida pela Secretaria de Estado da Cultura em 1989, a efetuada para uma coleção particular em 1991, com 1,70 m por 1,40 m, em 2006 faz um mural para o jardim da sua residência em Ceira "História da Borboleta Rara", em 2007, dois murais cerâmicos para as novas instalações da Ordem dos Enfermeiros da Zona Centro, e em 2008, mais um mural para o jardim da sua residência em Ceira "A Bomba". A par da cerâmica, mantém sempre a atividade da pintura, continuando a realizar exposições individuais e coletivas; destacam-se obras como em 1989, a "Mulher do Mercado", "Sesta do Pastor", "Eucaliptos", "Abraço", "A Família do Coronel e as Plumas do Chapéu da Mamã", "Os Rapazes

do Metro", as séries, "O Pescado", "Os Fantasmas", "Venha Ver", arte a que se dedica em exclusivo entre 2009 e 2012, ano em que se realça a homenagem de um grupo de amigos no Centro Cultural D. Dinis.

11.11 - No que concerne à escultura, são diversos os bustos e estátuas que realiza por encomenda, realçando-se, logo em 1967, as esculturas em madeira para a Capela do Colégio de São Teotónio em Coimbra, em 1984 a cabeça do poeta Afonso Duarte, em 1985 o busto do Professor Doutor Vieira de Carvalho, em 1993 o monumento em granito dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Arganil Comendador Pereira da Cruz e Senhora, em 1996 a máscara do Professor Santos Bessa, bem como o busto e a medalha de Arnaldo Tavares, sócio da Recauchutagem Seiça da Marinha Grande, em 1998 a Fundação Bissaya Barreto encomenda-lhe a execução da estátua do patrono Professor Bissaya Barreto, em 1999 o busto do patrono Manuel Madeira para a empresa Madeira& Madeira, e a estátua de homenagem ao Bombeiro Voluntário em Águeda, e ainda o busto do Dr. Armando Gonçalves para o Centro Hospitalar de Coimbra (Hospital dos Covões), em 2001 executa a escultura "O Piano" para a Praça da Canção em Coimbra, em 2002 a estátua de São Bento Menni para a Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, e em 2005, a escultura do Padre Manuel Antunes e parque envolvente - o "Jardim dos Ensinamentos", na Sertã.

12 – Relativamente ao estado de conservação do painel:

12.1 - Segundo informação prestada pela Associação Vasco Berardo, e confirmado localmente, conforme é possível verificar pelos registos fotográficos em anexo, encontra-se, na globalidade, em bom estado, não tendo sofrido descaraterizações decorrentes de eventual vandalismo a que se encontra diariamente sujeito visto localizar-se na via pública.

12.2 – Além disso, conforme já referido, foi alvo de uma intervenção de conservação e restauro em 2022, cuja iniciativa foi da Associação Vasco Berardo

e que teve apoio financeiro da Câmara Municipal de Coimbra, com execução técnica de João Moreira, ceramista, e Hugo Oliveira, conservador e restaurador.

13 – No que concerne à eventual classificação do Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, no Largo da Cruz de Celas, considera-se que:

13.1 – Representa inegavelmente um valor patrimonial com significativa importância a nível artístico, bem como histórico-cultural e social, como testemunho de uma época específica da arte portuguesa e de vivências e factos históricos de singular importância a nível local, relacionados com a existência nesta zona do Mosteiro de Santa Maria de Celas.

13.2 – Evidencia-se por um lado a qualidade artística do painel, pela capacidade descritiva de uma vivência muito particular, que começa com a fundação e a construção do mosteiro, passando pela vida e atividades desenvolvidas pelas monjas, dentro de portas, até à interação com o exterior, com a venda dos produtos aqui fabricados.

13.3 – É revelador de uma linha condutora da pintura deste artista, a partir de certo momento da sua carreira, numa fase de maturidade, obra "construída" no traço figurativo que a carateriza.

14 – Em conclusão:

14.1 - Se tivermos em consideração os elementos essenciais para a fundamentação de um processo de classificação de um bem imóvel, nomeadamente os critérios gerais, de carácter histórico-cultural, estético-social e técnico-científico, e os critérios complementares, de integridade, autenticidade e exemplaridade, parece-nos que este painel lhes corresponde inteiramente.

14.2 - Efetivamente, a sua importância a nível artístico, histórico-cultural e social, ao que se acresce o seu simbolismo e valor imaterial, como testemunho de uma

época e de uma vivência de um passado, encontra-se interligada à figura de Vasco Berardo, artista de relevo, quer na cidade de Coimbra, que lhe valeu em 2010 a distinção com a Medalha do Centenário da República Portuguesa pela Câmara Municipal de Coimbra, quer a nível nacional e internacional, que lhe valeram outras distinções idênticas.

14.3 - Todavia, se, em rigor, se pretender pela classificação de valor nacional, ou seja, como monumento nacional (MN) ou como monumento de interesse público (MIP), destacar de entre as obras de significativo valor patrimonial, aquelas que representam um marco da arquitetura e da arte portuguesa, deverão ser selecionadas as que, pelas suas caraterísticas e integridade estrutural, se tornaram mais representativas a nível nacional.

14.4 – Assim sendo, não obstante a efetiva representatividade deste painel a nível local, não reúne condições para uma eventual classificação de valor nacional. Todavia, face à sua importância em termos do património artístico e histórico cultural a nível local ou concelhio, pelos motivos referidos, julgamos que poderá vir a ser classificado como monumento de interesse municipal (MIM), no âmbito da Câmara Municipal.

15 – Mais se considera ainda que o Município de Coimbra, cidade que viu nascer e assistiu ao percurso e ao desenvolvimento de Vasco Berardo como artista multifacetado, deveria paralelamente proceder à inventariação da sua vasta obra, com o intuito da sua eventual classificação, conservação, preservação e valorização futura.

16 – Registe-se que o facto da intervenção de conservação do painel, realizada em 2022, ter tido o apoio financeiro da Câmara Municipal de Coimbra, é reveladora do reconhecimento da importância da obra deste artista e da repercussão que teve nesta cidade.

17 – Pelo exposto, e caso superiormente se concorde com o teor da presente informação, parece-nos ser de propor ao Senhor Diretor-Geral do Património Cultural, o arquivamento do procedimento de eventual classificação do Painel de azulejos do muro frontal do Edifício Cruzeiro, no Largo da Cruz de Celas, em Coimbra, e o seu envio para a Câmara Municipal de Coimbra no sentido do prosseguimento de uma eventual classificação deste bem imóvel como MIM, caso assim seja entendido.

18 - Nesse sentido, junto se anexa proposta de minuta de ofício a remeter a presente informação acompanhada do processo, ao Senhor Diretor-Geral do Património Cultural.

À consideração superior,

Assinado por: **MARIA ISABEL PONCE DE LEÃO FAGULHA POLICARPO**
Num. de Identificação: 04378636
Data: 2023.03.28 12:32:33+01'00'

CARTÃO DE CIDADÃO

Isabel Policarpo, Técnica Superior/Mestre em História da Arte

Bibliografia:

ANACLETO, Regina, "Coimbra Entre os Séculos XIX e XX – Ruptura urbana e inovação arquitectónica", in Actas de *Caminhos e Identidades da Modernidade: 1910, O Edifício*

Chiado em Coimbra, Museu Municipal de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 2010.

ANACLETO, Regina, "Arquitectura Revivalista em Coimbra", em Revista *Mundo da Arte*, nº. 8, Coimbra, 1982.

BORGES, Nelson Correia, *Coimbra e Região*, Novos Guias de Portugal, 6, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987.

CRAVEIRO, Lurdes, "Raúl Lino em Coimbra", em Revista *Mundo da Arte*, nº 15, Coimbra, 1983.

DIAS, Pedro, *Coimbra, Arte e História*, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2ª. Ed., Coimbra, 1988.

GONÇALVES, António Nogueira, *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, ANBA, Lisboa, 1957.

História da Arte em Portugal, "Pioneiros da Modernidade", vol.12, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

História da Arte Portuguesa, dir. Paulo Pereira, vol. III, ed. Círculo de Leitores, 1985.

SILVA, Mário Justino da, "Fausto Gonçalves (1893-1947) – Aspectos da vida e obra", in Revista *Munda*, nº 18, GAAC, Coimbra, novembro de 1989.

Anexos: processo
minuta de ofício

IP







Coimbra – Painel de azulejos do frontal do edifício Cruzeiro
Largo da Cruz de Celas
Sequência de pormenores temáticos

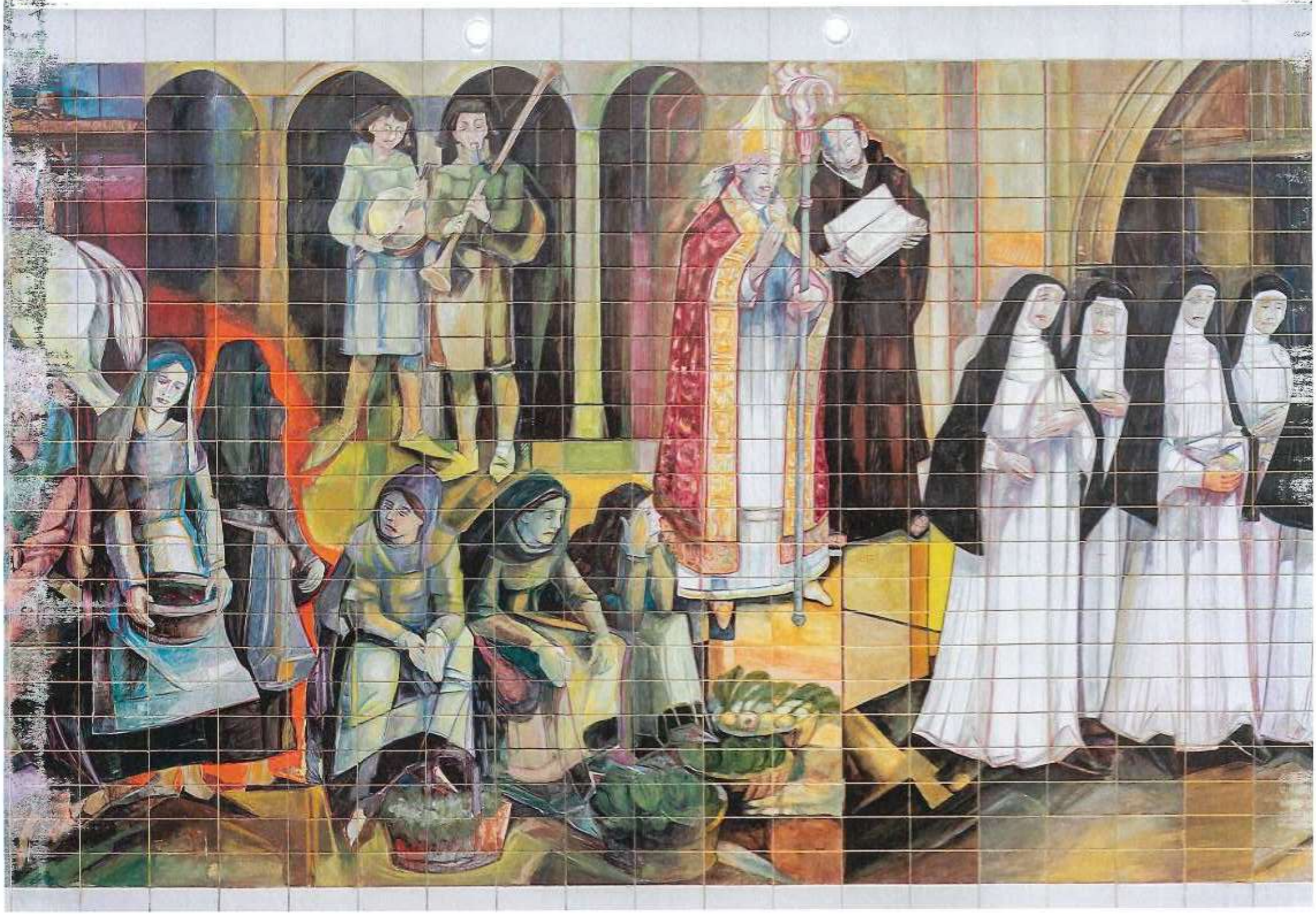
08.03.2023





Coimbra – Painel de azulejos do frontal do edifício Cruzeiro
Largo da Cruz de Celas
Sequência de pormenores temáticos

08.03.2023







Coimbra – Painel de azulejos do frontal do edifício Cruzeiro
Largo da Cruz de Celas
Pormenores dos azulejos com a assinatura do autor e do dono da obra e referente ao restauro efetuado em 2022

08.03.2023







Coimbra – Painel de azulejos do frontal do edifício Cruzeiro
Largo da Cruz de Celas
Aspeto da envolvente, vendo-se inserção do edifício onde se situa o referido painel e pormenor do mesmo

08.03.2023







Coimbra – Painel de azulejos do frontal do edifício Cruzeiro
Largo da Cruz de Celas
Aspeto da envolvente, vendo-se inserção do edifício onde se situa o referido painel

08.03.2023